

**Meninas assanhadas: quando a liberdade incomoda**Sonia Maria Ferreira Koehler<sup>1</sup>

Modalidade: Simpósio – Grupo de Estudos em Sexualidade, CNPq - UNISAL

Como compreender o assanhamento e/ou a liberdade da mulher ao longo do tempo e da história de nossa sociedade? Sejam elas meninas de qualquer lugar ou classe social, nos defrontamos com uma revolução nos modos de comportamento, e que efetivamente não são acompanhados pela mesma massa de gerações anteriores ou posteriores, pois *assanhadas* são todas aquelas que, de uma forma ou outra, divergem da normatização de comportamentos politicamente corretos. A conotação é sempre de *exibida, oferecida, aquela que faz uso de apelo sexual*. São aquelas meninas e mulheres estereotipadas em sua forma de se vestir e/ou se comportar e que incomodam outras meninas, meninos, pais, professores e parte de toda a sociedade que ainda se espelha nos padrões machistas. O termo *assanhada* é bem antigo e está registrado na história, denominando comportamentos femininos considerados ousados, que diferem do esperado: daquelas moças que nascem e são educadas para casar-se. Estas não podem ser assanhadas. Devem ser “*recatadas e do lar*”. Quando generalizações como essas são repetidas em casa, na igreja, na televisão, na escola ou nas diversas situações do dia a dia, reafirmam-se normas de gênero. São suficientemente conhecidas as condições históricas da coisificação da mulher. Existem inúmeros termos que adjetivam determinadas expressões do comportamento feminino assanhado: periguete, biscate, sirigaita, galinha, vadia, perua, namoradeira, safada, quenga, rameira, rapariga, piranha, pistoleira, pilantra, cachorroneira, vaca, diva safada – e tem suas nuances a partir da visão machista masculina e da visão machista feminina. Os sinônimos podem ser utilizados e variar de acordo com a região ou bairros, circunstância ou situação. Podem ser “considerados” um elogio, um xingamento ou comumente fazer parte do vocabulário específico de uma localidade ou de diferentes grupos socioculturais. “Prendam suas cabras que meu bode está solto”. Quem não conhece esse dito popular? Vigorou com grande entusiasmo entre os pais, machos e autodenominados viris, o cuidado com as filhas “de boa família” e vigora ainda, mesmo que camuflado, nas práticas de educação implementadas por pais e mães, que, por sua vez, reproduzem inconsciente e culturalmente, a educação que receberam. Essas práticas estão marcadas pelas prendas domésticas e pela ocupação produtiva da mulher: arrumar, faxinar, cozinhar, servir sexualmente, exercer a maternagem e manter-se sempre linda para não perder o marido! E é nessa dimensão que se origina e se ancora a violência de gênero, o assédio moral, o feminicídio... Meninas e mulheres são assanhadas quando a liberdade incomoda e se faz concreta em sua própria emancipação e empoderamento, ao sair da esfera doméstica, fazendo valer o direito à educação, ao trabalho, ao voto, à vida política, ao pátrio poder, à administração dos próprios bens. Elas tornaram-se “chefes de família”, vestindo-se de maneira autêntica ou se relacionando afetivamente com ele(s) ou com ela(s) com amor ou apenas por prazer, enfim estão emancipando-se gradativamente para exercer os direitos fundamentais, incluindo os direitos sexuais e reprodutivos, já reconhecidos em leis nacionais e internacionais.

Palavras-chave: não informado

1. Psicóloga e Pedagoga. Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (IPUSP). Mestrado em Psicologia da Educação (PUC/SP). Especialização em Violência Doméstica contra Criança e Adolescentes (IPUSP). Especialização em Psicopedagogia (UNITAU). Especialização em Educação em Sexualidade (UNISAL). Professora pesquisadora e coordenadora do Observatório de Violências nas Escolas UNISAL. Leitora da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade (UCB).



ISBN: 978-85-94462-00-8

**XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE  
SEXUALIDADE HUMANA**  
**Prazer, Quem é você?**



Campinas-SP, 18 a 20 de outubro de 2017

Líder do grupo de pesquisa Violências nas Escolas. Integrante do NDE no Curso de Pedagogia do UNISAL/Lorena.